



ENTIDADE REGULADORA
PARA A COMUNICAÇÃO SOCIAL

Deliberação

ERC/2018/97 (CONTJOR)

Participação de Isabel Maria Costa Godinho e outros contra a SIC e jornal *Expresso* - dia 03/10/17 e dias anteriores - Título: "Mapa dos roubos: veja os assaltos destas autárquicas à lupa"

**Lisboa
8 de maio de 2018**

Conselho Regulador da Entidade Reguladora para a Comunicação Social

Deliberação ERC/2018/97 (CONTJOR)

Assunto: Participação de Isabel Maria Costa Godinho e outros contra a SIC e jornal *Expresso* - dia 03/10/17 e dias anteriores - Título: "Mapa dos roubos: veja os assaltos destas autárquicas à lupa"

Deram entrada na ERC, no dia 04 de outubro de 2017, participações de Isabel Maria Costa Godinho contra a SIC e o jornal *Expresso* e Jorge Manuel Marques Paiva Fernandes apenas contra o *Expresso*, referindo-se ao título "Mapa dos roubos: veja os assaltos destas autárquicas à lupa".

Isabel Maria Costa Godinho vem referir que:

- a) «têm vindo os jornalistas da SIC e SIC Notícias nestes últimos dias a noticiar os resultados das autárquicas em termos de "roubo" de autarquias;
- b) o *Expresso* publica [02 de outubro] o que intitula como "Mapa dos roubos: veja os assaltos destas autárquicas à lupa";
- c) esta linguagem é inaceitável e desrespeitadora dos cidadãos e do seu livre exercício dum direito e dever cívicos, bem como da democracia».

Jorge Manuel Marques Paiva Fernandes vem referir que:

- a) «o título da análise da transferência da responsabilidade da gestão entre forças políticas "Mapas dos roubos: veja os assaltos destas autárquicas à lupa", é indecoroso e indigno de um jornal num regime democrático;
- b) a mudança de câmaras entre forças políticas, traduz a vontade dos cidadãos que livremente expressaram a sua vontade no passado domingo através do voto e nunca um "assalto" entre forças políticas;
- c) para reforçar a indignidade, ilustram a notícia com o símbolo de um partido democrático;
- d) na continuidade do que vem acontecendo ultimamente, mais uma vez o *Expresso* vem prestar um mau serviço à Democracia».

O *Expresso* veio responder à notificação desta entidade, através de resposta assinada pelo seu diretor, na qual defende que a matéria em causa nas participações «é um trabalho de jornalismo sobre dados pertencentes aos resultados eleitorais elaborado com recurso a quatro mapas interativos sobre as câmaras perdidas pelo PSD, pelo PS, pela CDU e por candidaturas independentes nas recentemente ocorridas eleições autárquicas».

Trabalho esse que «resulta ainda de uma consulta e cruzamento exaustivo de dados que, aliás, mais nenhum órgão de comunicação social concretizou, permitindo ao leitor conhecer, com recurso a infografia, as câmaras em causa e os respetivos resultados eleitorais».

Indica ainda que os quatro mapas interativos apresentam título próprio:

«Câmaras perdidas pelo PSD em 2017; Câmaras perdidas pelo PS em 2017; Câmaras perdidas pelo PCP-PEV em 2017 e Câmaras perdidas pelos independentes em 2017».

Segundo o mesmo diretor, estes mapas são acompanhados por textos que possuem títulos também autónomos: «PSD perdeu 17 câmaras, todas a Norte de Lisboa; PS perdeu 13 câmaras, 10 para presidentes do PSD; CDU: 9 câmaras para o PS e mais uma para independente; Independentes lutam contra PS e entre si».

Entende que a matéria em questão «agrega, portanto, todos estes textos, títulos e respetiva infografia, não podendo ser lido nem interpretado pelo cidadão e leitor médio do *Expresso*, presume-se necessariamente, desacompanhado do seu contexto e escopo informativo global».

Deste modo, considera que o título que despoleta as participações que originaram o presente procedimento não põe em causa de forma alguma a objetividade e o rigor da informação que é dada ao leitor», uma vez que tal título pretende apenas resumir as perdas e os ganhos da noite eleitoral em número de presidências de câmara».

Defende ainda que «a utilização de vocábulos ou expressões como “roubos” ou “câmaras roubadas”, é linguagem comum e pacificamente aceite tanto pelos protagonistas políticos, como pela generalidade dos cidadãos». Assim como defende que este tipo de expressões cabe «no escopo do direito constitucional de liberdade de expressão e de informação e isto sem beliscar os deveres deontológicos que impendem estatutária e convencionalmente sobre a classe dos jornalistas».

Para o *Expresso*, «não pode passar pela cabeça de um cidadão com formação e educação medianas [...] que, ao escrever-se “roubos” de câmaras, algum partido tenha feito uma apropriação ilegal de um órgão de poder local» [...] da mesma forma que, quando escreveu “assaltos”, o *Expresso* referiu-se a meras trocas de posições entre forças políticas».

O jornal defende que «não se mostra sequer verificada pelo comportamento do *Expresso* a violação, no caso dos autos, do disposto no artigo 14.º, n.º 1, alínea a) do Estatuto do Jornalista».

Aponta ainda para os significados das palavras que constam em qualquer dicionário da língua portuguesa: roubo – «o ato ou efeito de roubar significa também “arrebatar”, “enlevar”, “conquistar”, ou “tomar para si inesperadamente”; assaltar – «o ato ou efeito de assaltar significa cada investida do adversário, ou a fase final de uma luta para a conquista da posição atacada»».

O *Expresso* considera, assim, que a pronúncia da ERC que venha a existir deve conduzir sempre ao «arquivamento dos autos, porquanto a utilização em titulação das palavras ou expressões participadas, devidamente contextualizadas na globalidade do artigo jornalístico de que fazem parte, não constitui violação dos deveres jornalísticos de objetividade ou rigor no tratamento e exposição da informação em causa, cabendo desde logo a sua utilização no escopo garantístico do direito constitucional da liberdade de expressão e de informação».

A SIC veio responder à notificação desta entidade em missiva datada de 07 de novembro, assegurando que, em seu entender, «a queixa em causa afigura-se totalmente improcedente, já que assenta no uso de uma metáfora habitual no jornalismo e também na política».

Considera que não cabe contrariar «a ideia da queixosa de que a expressão “roubo” é desrespeitosa quando empregue na análise de resultados eleitorais e, no caso em apreço na transferência de lideranças de câmaras entre os diversos partidos».

A SIC vem lembrar que a expressão mencionada, «bem como outras com conotação ainda mais grave quando tomadas de forma literal, são muito habituais no jornalismo e na política, bastando dar uma vista de olhos aos jornais ou mesmo aos diários da Assembleia da República para tropeçar no uso recorrente da expressão».

Termina a SIC informando que «a metáfora é uma figura de estilo descrita há mais de dois mil anos por Aristóteles, sendo uma das mais importantes do discurso jornalístico, não fazendo sentido, nem a surpresa, nem a queixa».

Peças jornalísticas

Expresso

As participações referem-se à edição electrónica do Expresso onde foi publicada a 02 de outubro de 2017, dia seguinte às eleições autárquicas, uma infografia que dava pelo título “Mapas dos roubos: veja os assaltos destas autárquicas à lupa” sobre as alterações de partidos no poder nas câmaras municipais de todo o país.

A entrada que se segue ao título refere o seguinte: «São quatro maneiras diferentes de ver o país. Clique em cima das cores para ver as câmaras que cada partido perdeu e quem se ficou a rir».

Segue-se um conjunto de quatro textos que acompanham outros tantos mapas interativos. Sendo que o primeiro deles apresenta o título «PSD perdeu 17 câmaras, todas a Norte de Lisboa». O texto prossegue que «Entre as 17 perdas de câmaras sociais-democratas, contam-se 13 para o PS, duas para independentes, uma para o Nós Cidadãos! (Oliveira de Frades onde cai 36 pontos relativamente às últimas autárquicas) e uma para o CDS (Oliveira do Bairro). Entre os casos mais traumáticos encontram-se Chaves, Marco de Canaveses e Pedrógão Grande». Explica-se depois os casos mais paradigmáticos destas perdas, referindo que um dos autarcas eleito pelo PSD no mandato anterior candidatou-se desta vez pelo PS e «acabou por roubar uma câmara ao partido pelo qual começou por ser eleito».

O mapa interativo que corresponde a este texto tem o título «Câmaras Perdidas Pelo PSD em 2017» e assinala por cores a localização geográfica de cada uma das 17 autarquias perdidas pelo PSD para outras forças políticas.

Abaixo, o segundo texto do conjunto é introduzido pelo título «PS perdeu 13 câmaras, 10 para presidentes do PSD». O texto refere que «numa noite de festejos, o PS só perdeu câmaras a Norte do rio Tejo, a maior parte delas para o PSD (sete passaram diretamente para as mãos dos sociais-democratas e três para coligações PSD-CDS)». Adiante acrescenta-se que «a direita não foi a única a

roubar câmaras ao PS. Houve três autarquias conquistadas por candidatos independentes». O mapa que acompanha este texto apresenta o título «Câmaras Perdidas pelo PS em 2017».

O texto que se segue tem como título «CDU: 9 câmaras para o PS e mais uma para independente». Explica-se que «o pior resultado de sempre em número de presidências de câmara (24) fez Jerónimo ter de assumir pela primeira vez um resultado “negativo” para a coligação de esquerda». Fala-se da perda de autarquias emblemáticas como Almada e Castro Verde que desde o 25 de Abril estiveram nas mãos dos comunistas, tendo perdido ainda Beja, Barreiro e Alcochete. O mapa que acompanha o texto titula «Câmaras Perdidas Pelo PCP-PEV em 2017».

Por último surge o texto intitulado «Independentes lutam contra PS e entre si», onde se começa por dizer que o número de câmaras independentes aumentou de 13 para 17, registando-se a perda de Matosinhos e de Oeiras. O mapa interativo aparece com o título «Câmaras perdidas pelos Independentes em 2017».

SIC e SIC Notícias

A participante que se refere à *SIC* e *SIC Notícias* não identifica diretamente os conteúdos que aponta como problemáticos em seu entender. Deste modo, procedeu-se à visualização dos noticiários de hora a hora da *SIC Notícias* de 02 de outubro de 2017, bem como do serviço noticioso de horário nobre que é emitido em simultâneo em ambos os serviços de programas, de forma a verificar a emissão dos conteúdos mencionados na participação.

Desta visualização resultou a identificação de uma peça noticiosa em que se refere o roubo de autarquias do PS à CDU e que foi emitida no “Jornal da Noite” (simultâneo na *SIC* e na *SIC Notícias*) e no noticiário das 21h da *SIC Notícias*.

No “Jornal da Noite”, a peça surge enquadrada por outras sobre os resultados das eleições do dia anterior e é introduzida pelo pivô da seguinte forma: «O Partido Socialista acabou por roubar várias câmaras à CDU, incluindo Beja, Barreiro e Almada. Ao todo, os comunistas perderam dez autarquias, nove delas para o PS». No rodapé lê-se: «Geringonça depois das autárquicas. Vitória do PS contrasta com derrota de CDU e BE».

A peça de cerca de 3:20 minutos começa depois com imagens dos festejos do Partido Socialista em Lisboa, enquanto a voz *off* diz: «É o chamado: não era preciso tanto». Segue-se a declaração de vitória de António Costa, ao mesmo tempo que no oráculo consta «PS conquistou Almada à CDU».

A voz *off* repete que «o problema é que a vitória esmagadora do PS não esmagou só o PSD. O assalto ao castelo comunista em Almada é apenas um exemplo das várias câmaras que o PS roubou à CDU. O oráculo refere «CDU perde 10 câmaras e 9 passam para o PS».

A presidente eleita pelo PS para liderar a Câmara de Almada, Inês de Medeiros, declara: «Acho que não houve nenhum assalto. Houve forças políticas que se confrontaram. Claro que esperávamos uma vitória, mas também tínhamos a noção de quem tínhamos pela frente».

Segue-se outro exemplo de perda da CDU para o PS, o Barreiro. E segundo a voz *off*, «até o Alentejo traiu a relação de décadas com os comunistas e caiu no colo do PS: o município de Beja é um bom exemplo, que se junta às câmaras de Moura, Barrancos e Castro Verde».

A voz *off* conclui então que «desta vez, a derrota é tão óbvia que não dá para contornar», seguindo-se declarações de Jerónimo de Sousa.

«O Bloco de Esquerda também não ganhou grande coisa com a geringonça. Continua sem câmaras, não conseguiu recuperar Salvaterra, nem ganhar Torres Novas». Acrescenta-se que o acordo de governação entre os partidos de esquerda «exigia um pacto de não agressão que o PS até cumpriu durante a campanha. Sempre com pinças, sempre com cuidado de não atacar câmaras de gestão comunista. Mas mesmo sem querer, o PS atropelou os parceiros da esquerda». António Costa sublinha que «a vitória do PS não é a derrota de nenhum dos seus parceiros parlamentares; é a vitória do PS».

A voz *off* contrapõe: «Mais ou menos. Porque o PS sabe que a partir de agora o PCP sabe que a geringonça não é uma mais-valia que dê créditos extra e é previsível que o discurso comunista endureça. Até onde irá o PCP para se descolar do PS? O que fará o Bloco se perceber que ficará isolado na sintonia com o governo? São perguntas que terão resposta nos próximos meses. Mas a grande questão é como é que António Costa vai gerir este novo equilíbrio da geringonça. Vai ser preciso perceber se será mesmo um problema para o PS, ou se este abalo, mais cedo do que o

previsto, até pode ser uma forma de o governo se libertar das muletas num momento em que está na mó de cima».

Por fim informa-se sobre reuniões internas dos partidos: o Comité Central do PCP e o PS tinham já reuniões marcadas, informação que se encontra também presente nos oráculos ao longo da peça, que termina com a frase: «O jogo começa agora».

A mesma peça noticiosa surge na abertura do noticiário das 21h da *SIC Notícias*, diferindo apenas o pivô que a introduz. Desta feita, é efetuada a introdução seguinte: «Vitória esmagadora do PS nestas autárquicas que, para muitos analistas, pode ter implicações na coligação que apoia o governo.

Ontem à noite o Partido Socialista acabou por roubar várias câmaras à CDU, incluindo Beja, Barreiro e Almada. Ao todo os comunistas perderam dez autarquias, nove delas para o Partido Socialista».

Segue-se a mesma peça apresentada no “Jornal da Noite” já descrita.

Análise e Fundamentação

Os participantes vieram questionar o recurso a vocábulos como “roubo” e “assalto” utilizados pelos órgãos de comunicação social *Expresso*, *SIC* e *SIC Notícias* em peças informativas relativas às eleições autárquicas de 01 de outubro de 2017.

De forma genérica, entendem tratar-se de linguagem inapropriada para o tratamento do assunto em questão, dado que a vontade dos cidadãos expressa pelos votos não pode ser qualificada em termos de roubos de autarquias pelos partidos vencedores aos partidos vencidos.

O jornal *Expresso*, conforme se descreve acima, recorreu aos vocábulos mencionados numa infografia publicada na sua edição online no dia seguinte e que reproduzia no mapa as perdas de cada um dos partidos e para qual dos concorrentes se davam essas perdas.

O contexto destes títulos dado pelos textos que acompanham cada um dos mapas interativos incluídos na infografia permite perceber que as ditas palavras são aplicadas em sentido metafórico, pretendendo criar nos leitores a imagem de que o ato eleitoral resultou na troca de câmaras municipais entre partidos.

O recurso a utilizações criativas de vocábulos com o objetivo de criar percepções imediatas nos leitores é uma técnica de redação presente no exercício do jornalismo.

Os leitores encontram-se, pois, familiarizados com este tipo de utilização menos literal dos termos empregues em notícias, sobretudo nos títulos, cuja função apelativa pode sair reforçada com recurso a esta utilização da linguagem.

Os utilizadores da Língua Portuguesa são capazes de interpretar os sentidos dados às palavras através do seu contexto. Desta faculdade não estão excluídas as notícias.

A questão que se coloca não é, portanto, a do recurso a estes usos da linguagem nas notícias. É, antes, saber se o recurso a estes artifícios de linguagem pode prejudicar o rigor informativo da mensagem contida nas notícias (cf. artigo 3.º da Lei de Imprensa, artigo 34.º, n.º 2, alínea b) da Lei da Televisão e artigo 14.º, n.º 1, alínea a) do Estatuto do Jornalista).

Paralelamente, há ainda que estar ciente de que o sentido dos títulos das peças informativas não se esgota nos mesmos, mas conta com os restantes elementos para ser totalmente decifrado. A notícia vive, pois, do conjunto dos seus vários elementos, incluindo imagens (fotografias, infografias, vídeos) e respetivas legendas.

Ora, no caso em apreço, o *Expresso* escolhe titular uma infografia composta por quatro mapas interativos que mostram diversas passagens de mãos de câmaras municipais como roubos e assaltos. Em alguns casos a alteração dos partidos no poder nas câmaras municipais consiste em factos relevantes por razões como a quebra da tradição de pertencerem à mesma força política há décadas, ou a quantidade de autarquias que passam de um partido para um outro.

Deste modo, embora a utilização das palavras “roubo” ou “assalto” possa soar despropositada ou passível de má interpretação quando considerados os títulos isoladamente, o mesmo já não se verifica quando se atende à totalidade da infografia publicada pelo *Expresso*. Ressalve-se que esta reproduz o mapa de alterações segundo as várias forças políticas, ordenando de forma decrescente, ou seja, dos que perderam mais para o que perderam menos câmaras.

Pela análise desenvolvida acima, conclui-se que o recurso às expressões “roubo” e “assalto” por parte do *Expresso* não resulta em falha do rigor informativo da mensagem que se pretende transmitir com a peça em questão.

No que respeita à peça noticiosa apresentada pela *SIC* e pela *SIC Notícias*, denote-se que a utilização da expressão “roubar” ocorre na introdução pelo pivô: «o PS acabou por roubar várias câmaras à CDU». Adiante na peça propriamente dita fala-se de «assalto ao castelo comunista de Almada».

Ora, nestes casos torna-se ainda mais evidente a intenção metafórica das palavras utilizadas para ilustrar as mudanças ocorridas nos partidos que governam as autarquias, na sequência das eleições. Note-se que a notícia pretendia salientar os possíveis reflexos na estabilidade do acordo parlamentar que sustenta o Governo, na sequência das trocas de poder entre o PS e a CDU.

Visualizada a peça, entende-se que a mensagem que pretende transmitir resulta clara, sem margem para interpretações erróneas da utilização das palavras mencionadas pelos participantes. Isto é, não há lugar a interpretação literal, dado que todo o contexto dado à informação vem contribuir para que o sentido da sua utilização saia clarificado.

Não se conclui, mais uma vez, por falha de rigor informativo na peça noticiosa da *SIC* e *SIC Notícias*, bem como nos pivôs que as acompanham, resultante da utilização das palavras “roubo” e “assalto”.

Em suma, analisadas as matérias em apreço, não foram encontrados quaisquer elementos que colocassem em causa as normas legais, éticas e deontológicas que presidem ao exercício do jornalismo, designadamente a alínea a) do n.º 1 do artigo 14.º do Estatuto do Jornalista que encontra correspondência no ponto 1 do Código Deontológico dos Jornalistas, bem como o artigo 3.º da Lei de Imprensa e artigo 34.º, n.º 2, alínea b) da Lei da Televisão.

Deliberação

Tendo analisado duas participações contra o Expresso, a SIC e a SIC Notícias, considerando abusiva a utilização das expressões “roubos” e “assaltos” em peças jornalísticas sobre os resultados das eleições autárquicas de 01 de outubro de 2017;

Considerando que utilização destas expressões no contexto em que ocorrem não coloca em causa os limites legais, éticos e deontológicos impostos ao exercício do jornalismo, designadamente os constantes no artigo 14.º, n.º 1, alínea a) do Estatuto do Jornalista, artigo 3.º da Lei de Imprensa e artigo 34.º, n.º 2, alínea b) da Lei da Televisão;

O Conselho Regulador, no exercício das atribuições e competências de regulação constantes das alíneas d) do artigo 7.º, da alínea j) do artigo 8.º e da alínea a) do n.º 3 do artigo 24.º dos Estatutos da ERC, aprovados em anexo à Lei n.º 53/2005, de 8 de novembro, delibera arquivar o procedimento.

Lisboa, 8 de Maio de 2018

O Conselho Regulador,

Sebastião Póvoas

Mário Mesquita

Francisco Azevedo e Silva

Fátima Resende

João Pedro Figueiredo